

FATORES DESENCADEANTES DE ESTRESSE NOS ENFERMEIROS DA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Melissa Abreu da Silva¹; Thamara Mariana Nascimento da Silva²; Gisele Santana Santos³

Estudante do Curso de Enfermagem; e-mail: melissa.abreu@hotmail.com¹

Estudante do Curso de Enfermagem; e-mail: thamara.enf.umc@hotmail.com²

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: gisa_rose@hotmail.com³

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Palavras-chave: Estresse, Enfermagem, Unidade de Terapia Intensiva, Condições de trabalho

INTRODUÇÃO

Coronetti et al. (2006), afirma que “[...]cada vez mais se acredita que alguns fatores desencadeantes do estresse vêm comprometendo a qualidade de vida do indivíduo nas diversas dimensões, profissional, social ou biológica”. A unidade de terapia intensiva (UTI), é caracterizada por trabalho que envolve forte carga emocional, na qual a vida e a morte se misturam, formando um cenário desgastante e, às vezes, frustrante, podendo ocasionar várias consequências que comprometam a saúde dos profissionais de saúde (SANTOS et al., 2010). Cuidar de pacientes críticos, que podem entrar em uma instabilidade do quadro clínico, constantemente, é um fator desencadeante de desgaste que, pode levar ao sofrimento do enfermeiro (MARTINS; ROBAZZI, 2009). Sendo assim, o enfermeiro diante dessas diversas situações encontradas em seu cotidiano, deve estar atento para que toda essa carga de sentimentos e emoções que desafiam o seu exercício profissional não afete a manutenção de sua integridade física e psicossocial e que não comprometa a qualidade da assistência prestada (SANTOS et al., 2010). Frente a tais inquietações, buscou-se neste estudo, se há fatores que podem desencadear estresse no enfermeiro atuante na unidade de terapia intensiva.

OBJETIVOS

Identificar os fatores causadores de estresse vivenciados pelos enfermeiros na unidade de terapia intensiva.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo descritiva-exploratória, com abordagem quantitativa. A pesquisa de campo é caracterizada pelas investigações em que além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, são coletados dados junto a pessoas (FONSECA, 2002, p. 32). A população da pesquisa foi constituída por 38 enfermeiros que atuam na UTI, em instituições inseridas na Região do Alto Tietê. Os critérios de inclusão foram estar atuando a mais de seis meses na UTI, e aceitar participar da pesquisa mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), foram excluídos os indivíduos que não atenderam aos critérios de inclusão. Foi esclarecido aos indivíduos que se tratava-se de uma investigação acadêmica, e então, foi aplicado um questionário semiestruturado, elaborado pelas autoras. Os dados foram organizados e submetidos à análise quantitativa, observando-se as frequências e respectivos percentuais analisados e expostos em forma de tabelas e gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 38 indivíduos pesquisados 6 são do sexo masculino (15,7%) e 32 constituem o sexo feminino (84,3%). Em relação a idade dos participantes a prevalência maior é na faixa etária entre 21-40 anos (86,8%). Quanto ao tempo de atuação dos enfermeiros na unidade de terapia intensiva, há uma predominância da classe de 6 meses-10 anos (81,5%), seguida por 11-30 anos (18,4%). Na questão número 1 os participantes foram questionados se consideram a UTI como um lugar gerador de estresse, 35 (92,1%) indivíduos consideraram que sim, e 3 (7,8%) discordaram neste sentido. Na pergunta número 3 onde o participante responde se ele acha que as situações estressantes interferem na sua vida privada, 15 (39,4%) dos enfermeiros responderam não, ou seja, conseguem separar a vida profissional da vida pessoal e 23 (60,6%) profissionais sofrem na vida pessoal com o stress vivenciado dentro da UTI. Quando questionados na questão 4 se acham que essas situações interferem no seu rendimento do processo de trabalho foi constatado que 25 (65,7) responderam sim, e, 13 participantes responderam não (34,2%). Conforme Gomes et al. (2006), enfermeiros que atuam em unidade de terapia intensiva, apresentam mais chances de desenvolver sofrimentos psíquico, devido à complexidade das ações ali realizadas e o estresse que as mesmas geram. Em relação a segunda questão, quando os enfermeiros foram questionados sobre quais dos fatores apresentados eles consideravam desencadeantes de estresse, constatou-se os seguintes resultados: sobrecarga de trabalho 22 (57,8%), conflitos de funções 14 (36,8%), desvalorização 18 (47,3%), relacionamento com acompanhantes 11 (28,9%), dupla jornada 11 (28,9%), falta de autonomia 9 (23,6%), falta de profissionais e materiais 25 (65,7%), relacionamento interpessoal 11 (28,9%), remuneração 8 (21%), ruído 16 (42,1%), acidentes biológicos 5 (13,1%), morte 20 (52,6%), insatisfação com o trabalho 8 (21%), ar condicionado 6 (15,7%). Os fatores que levam ao estresse do enfermeiro de UTI estão relacionados ao ambiente fechado, iluminação artificial, ar condicionado, planta física, pressões exercidas pelos superiores, rotinas exigentes, falta de profissionais e materiais, equipamentos sofisticados e barulhentos, possibilidade de morte e dor, tais fatores podem gerar condições inadequadas ao serviço do enfermeiro, causando diversos sintomas neste profissional (CAVALHEIRO; JUNIOR; LOPES, 2008). As condições de trabalho enfrentada pelo enfermeiro na implementação da assistência tem causado grande estresse, por causa das dificuldades e situações encontradas, que de certa forma tem gerado uma desmotivação e insatisfação profissional. Na questão 5 os participantes foram questionados sobre o que eles achavam que poderiam ser feitos para melhorar a incidência das situações que desencadeiam estresse nos mesmos, e com base em suas respostas foi possível estabelecer categorias e subcategorias. As categorias são: condições de trabalho, ambiente físico e saúde mental. A categoria condições de trabalho, apresenta as subcategorias: valorização do profissional de enfermagem 4 (10,5%), qualificação da equipe de enfermagem 4 (10,5%), dimensionamento de profissionais efetivo 6 (15,7%), quadro de profissionais adequado 10 (26,3%), aumento salarial do enfermeiro 6 (15,7%), materiais e equipamentos suficientes para suprir a unidade 7 (18,4%), diminuir a carga horária do enfermeiro 3 (7,8%), melhora na comunicação e interação da equipe multiprofissional 7 (18,4%). O enfermeiro é fundamental na estrutura organizacional hospitalar, na UTI apresenta papeis extremamente importantes, como, obter o histórico de enfermagem, realizar o exame físico, planejar e executar tratamento, promover a saúde e orientar os pacientes sobre a importância da continuidade do tratamento (CAMELO, 2012). Diante disso é evidente a importância desse profissional dentro deste setor, logo, entende-se que o profissional enfermeiro deve ser cada vez mais valorizado e respeitado, pelos demais profissionais, pacientes, acompanhantes e visitantes.

A assistência prestada na UTI é complexa, diante do quadro de pacientes que são internados neste setor, portanto, o desenvolvimento dos profissionais é uma grande necessidade diante das mudanças em função das novas descobertas da ciência e da tecnologia, que podem melhorar a qualidade da assistência ofertada aos pacientes. Em geral, o processo de enfermagem se torna estressante, por conta de diversas dificuldades decorrentes das condições de trabalho, o que se sabe é diante dessas situações os enfermeiros acabam em muitos casos frustrados e desanimados pelas divergências. Ambiente físico é uma categoria, que tem como subcategoria: conscientização dos profissionais na diminuição de ruídos 9 (23,6%) e estabelecer protocolos referentes a acidentes biológicos 1 (2,6%). Os profissionais devem ser orientados sobre as possíveis formas de prevenir o ruído excessivo dentro da unidade para que assim possam contribuir para sua redução, as informações dadas à equipe são muito importantes para que ocorram mudanças de comportamento. A partir da conscientização dos profissionais a respeito dos efeitos prejudiciais do ruído tanto para os pacientes como para si próprios, os profissionais modificarão seus comportamentos geradores de ruído, tornando o ambiente da UTI mais tranquilo e menos estressante. Na UTI os acidentes biológicos ocorrem por se tratar de um ambiente complexo, que possui um número elevado de riscos ocupacionais para toda a equipe de enfermagem, decorrentes do processo da assistência prestada diretamente aos pacientes (CORREA; DONATO, 2007). A última categoria estabelecida saúde mental, possui as seguintes subcategorias: atendimento psicológico 6 (15,7%) e humanização ao enfermeiro 9 (23,6%). Para Hercos et al. (2014), a melhoria da qualidade da assistência aos clientes da UTI depende do bem-estar da equipe multiprofissional, das condições de trabalho e da qualidade das relações dos profissionais com os pacientes e família, o enfermeiro enquanto líder de uma equipe pode tentar minimizar os problemas por meio da abertura de um espaço para discutir as angústias e medos, acrescido de acompanhamento psicológico especializado. Em relação às formas de lidar com os fatores desencadeantes de estresse nos enfermeiros da unidade de terapia intensiva e encontrar recursos para minimizá-los e resolvê-los, verificam-se a melhoria das condições de trabalho, intervenções sobre os riscos biológicos, humanização e suporte psicológico sistematizado aos profissionais para o enfrentamento das dificuldades no seu cotidiano de trabalho.

CONCLUSÕES

Concluiu-se que a UTI é um setor repleto de fatores desencadeantes de estresse e que o enfermeiro tem sofrido com essas situações no seu cotidiano. A pessoa estressada não se sente bem, produz menos e não se relaciona com as pessoas ao redor como gostaria. A enfermagem é considerada uma das profissões mais estressantes por causa dos processos realizados no trabalho. O acúmulo de funções e responsabilidades que as mesmas necessitam são desgastantes, o fato de estar lidando diretamente com pacientes graves e acompanhantes ansiosos exige do profissional cautela em toda a sua assistência, para que seja prestada com qualidade, livre de negligência e imprudência. As condições institucionais ofertadas para os colaboradores executarem suas funções, também são fatores estressantes, que tem feito com que o enfermeiro se sinta desvalorizado, insatisfeito e sobrecarregado, prejudicando sua saúde mental. Existem medidas que devem ser colocadas em prática para a redução do estresse na unidade, sendo elas a melhoria das condições de trabalho e do ambiente físico, intervenções e medidas de proteção para os riscos biológicos, humanização e atendimento psicológico ao profissional.

Através da conscientização e implementação de mudanças é possível promover a qualidade de vida do profissional, atender suas necessidades, prevenir doenças ocupacionais, diminuir o absenteísmo e proporcionar segurança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALHEIRO, Ana Maria; JUNIOR, Denis Faria Moura; LOPES, Antonio Carlos. Estresse de enfermeiros com atuação em unidade de terapia intensiva. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. 1, p. 29-35, 2008.

CAMELO, Silvia Helena Henriques. Competência profissional do enfermeiro para atuar em Unidades de Terapia Intensiva: uma revisão integrativa. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 20, n. 1, p. 1-9, 2012.

CORREA, Christina Feitoza; DONATO, Marilurde. Biossegurança em uma unidade de terapia intensiva – a percepção da equipe de enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 11, n. 2, p. 197-204, 2007.

CORONETTI, Adriana et al. O estresse da equipe de enfermagem na unidade de terapia intensiva: o enfermeiro como mediador. **Arquivos catarinenses de medicina**, v. 35, n. 4, p. 36-43, 2006.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, ap. p. 32, 2002.

GOMES, Giovana Calcano; FILHO, Wilson Danilo Lunardi ; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. O sofrimento psíquico em trabalhadores de UTI interferindo no seu modo de viver a enfermagem. **R. Enferm. UERJ**, v. 14, n. 1, p. 93-9, 2006.

MARTINS, Júlia Trevisan; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. O trabalho do enfermeiro em unidade de terapia intensiva: sentimentos de sofrimento. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 17, n. 1, p. 52-58, 2009.

SANTOS, Flávia Duarte dos et al. O estresse do enfermeiro nas unidades de terapia intensiva adulto: uma revisão da literatura. **SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2010.